

COLÔNIAS DE FÉRIAS: TURISMO E LAZER DO TRABALHADOR¹

Fernando Estima de Almeida²
Docente e Pesquisador do Centro Universitário SENAC SP

Maristela de Souza Goto Sugiyama³
Docente e Pesquisadora do Centro Universitário SENAC SP

RESUMO

As estruturas de Colônias de Férias implantadas no litoral paulista contribuíram consideravelmente para o incremento da atividade de turismo e lazer dos trabalhadores. Esta pesquisa tem como propósito verificar em que momento na história das organizações trabalhista esta ação ocorreu com maior intensidade e analisar os impactos que ela provocou nos locais onde foram instaladas. A percepção deste fenômeno requer uma reflexão sobre o processo de metropolização de São Paulo, da atividade política dos sindicatos e da organização de novos espaços complementares aos da grande cidade destinados ao turismo e ao lazer. Também serão analisados os modelos de gestão dessas estruturas de hospedagem com o objetivo de verificar como os profissionais de turismo e hotelaria poderão contribuir para o seu aprimoramento e como possibilidade de novos mercados de trabalho.

PALAVRAS-CHAVE: Turismo. Lazer; Colônias de Férias; Turismo e lazer dos trabalhadores; Turismo e Hotelaria.

Introdução

Este tema é objeto de estudo do Núcleo de Pesquisa, do Centro Universitário SENAC – campus Santo Amaro, na linha de pesquisa Cultura, Entretenimento e Hospitalidade.

¹ Trabalho apresentado ao GT “Turismo Social” do IV Seminário de Pesquisa em Turismo do Mercosul – Caxias do Sul, 7 e 8 de julho de 2006.

² Graduado Bacharel em Comunicação Social pela Universidade Metodista de São Paulo, especialista em planejamento e marketing turístico pela Faculdade SENAC. Docente dos cursos de Bacharelado em Tecnologia em Hotelaria e Turismo da Faculdade SENAC de Turismo e Hotelaria. Mestre em Hospitalidade pela Universidade Anhembi Morumbi, sob orientação do Prof^o Dr. Waldir Ferreira. fernando.ealmeida@sp.senac.br

³ Graduada em Hotelaria pela Faculdade SENAC de Turismo e Hotelaria de São Paulo e Mestre em Hospitalidade, pela Universidade Anhembi Morumbi. Área de Especialização (estudo/pesquisa): Dimensões conceituais e epistemológicas da hospitalidade e do turismo sob orientação da Prof^a Dr^a Ada de Freitas Manetti Dencker. Interdisciplinaridade. Docente dos cursos de Bacharelado em Hotelaria e Tecnologia em Hotelaria da Faculdade SENAC de Turismo e Hotelaria. maristela.sgsugiyama@sp.senac.br

Estudos sobre o lazer e o turismo do trabalhador ainda são poucos realizados na área de turismo e hotelaria. Nosso propósito é pesquisar o segmento de colônias de férias que sintetizam, em um determinado período histórico, ações por parte das organizações trabalhistas, por condição ou opção política, um incremento da estrutura para o turismo e o lazer em diversas localidades.

Propomos-nos a verificar como elas estão sendo gerenciadas e quais são as contribuições que as mesmas trazem para o desenvolvimento local e, ao mesmo tempo, como um novo campo de interesse aos profissionais de turismo e hotelaria, tanto para estudos acadêmicos quanto como uma opção de trabalho.

Entendemos que ao instalar as estruturas constitutivas do modelo Colônia de Férias um grande incentivo foi dado ao turismo e ao lazer do trabalhador. Tal ação foi intencional? Não teria ela acontecido em decorrência de outras ações com outros objetivos e que, no entanto, acabou por desenvolver esta atividade? Tais questões e outras só podem ser reveladas se buscarmos a origem e os motivos que levaram as entidades de trabalhadores a investirem nessas estruturas.

A modernidade com variado leque de possibilidades para o entretenimento contribuiu para a construção de novos rumos no movimento trabalhista. Nesta conjuntura, o Estado (sob qualquer forma de representação) percebe e atua no conflito capital/trabalho e, mais especificamente, naquilo que é objeto de nossa preocupação, na utilização do tempo livre do trabalhador. Assim, as Colônias de Férias aparecem como uma das formas de ação sobre o tempo livre dos trabalhadores

A reconstituição histórica do desenvolvimento do modelo Colônia de Férias em sua relação com o movimento de organização dos trabalhadores não se configura como único objetivo do estudo proposto. Existem dezenas de colônias de férias instaladas e funcionando como um dos segmentos da hotelaria e uma variada opção de lazer, principalmente para sujeitos dos setores médios. Verificar e analisar como esse modelo foi e está sendo desenhado nos meios de hospedagem no Estado de São Paulo alarga o campo de pesquisa. Que relações podem ser estabelecidas entre o chamado padrão de desenvolvimento de projetos hoteleiros e os aspectos apresentados no modelo Colônia de

Férias? Ou, antes dessa questão, que aspectos configuram as relações entre anfitrião e hóspede nas Colônias de Férias que levam ou não a admitir a existência de um modelo?

A esse processo, resultante também de diferentes variáveis como o aumento do tempo livre dos trabalhadores e as demandas por entretenimentos decorrentes da metamorfose das grandes cidades, aliou-se o papel das organizações trabalhistas.

A conquista do tempo livre, conseqüência histórica da luta entre o trabalho e a sua forma de exploração, tornou mais intensa com o desenvolvimento do capitalismo e o processo de urbanização que, aliás, pode ser compreendido dentro das mesmas circunstâncias e como um necessário ao outro.

Esse tempo livre que para Dumazedier (1994) mudou e criou novos hábitos nos centros urbanos como, por exemplo, o passeio e as excursões, contribuíram significativamente para o surgimento de atividades de turismo e lazer. Concomitante ao desenvolvimento da modernidade, em suas várias manifestações, nos grandes centros urbanos, um aumento da oferta de serviços relacionado ao divertimento surgiu rapidamente. Como afirma Camargo (1992) o tempo em que o trabalhador (ou qualquer outra pessoa) possa realizar atividades “*desinteressadas, libertatórias e de escolha pessoal na busca de algum lazer*” (p. 34).

Além dessas mudanças apontadas por Dumazedier e Camargo há uma importante variável que, no caso do Brasil, contribuiu significativamente para o incremento das Colônias de Férias que foi, no período autoritário, a impossibilidade dos sindicatos exercerem livremente suas atividades de representação classistas. A tese da ausência das organizações trabalhistas posterior a 1964 é corroborada por Leôncio Martins Rodrigues (1991) quando afirma que neste período “só parecia haver, pelo menos publicamente, dois atores no jogo político brasileiro: os militares e o movimento estudantil” (idem, p.13). Somente ao final dos anos 70 é que novamente o movimento trabalhista volta à cena política brasileira.

Essa impossibilidade de cumprir seu papel original, com a repressão às lideranças e com a intervenção em várias entidades parece ter sido um dos fatores que colaboraram para que tais organizações optassem por atividades mais assistencialistas e prestadoras de

serviços o que propiciou os investimentos em áreas de lazer e, como consequência, em Colônias de Férias.

Mesmo considerando a luta dos trabalhadores importante, como foi, para a história da redemocratização do país, nosso propósito não é estudar as lutas sindicais e sim verificar como esse movimento, sufocado pelo regime militar, sobreviveu durante tal período tendo como perspectiva que as atividades de turismo e lazer contribuíram para a manutenção do nível mínimo de estrutura organizacional dessas entidades.

Há, contudo, nessa inferência uma outra possibilidade. Contrapõe-se a essa idéia da sobrevivência da organização trabalhista através de ações sociais o interesse e a intervenção do Estado, pois, uma das formas de exercer esse controle é atuar sobre o tempo livre dos trabalhadores. Sobre isso Rodrigues (1985) didaticamente descreve como em 1920 o governo facista cria o *dopolavoro* organizando centros de férias populares nas costas do mar Asiático ou, como na Alemanha hitlerista cria-se em 1933 a *Kraft durch freude* (a força pela alegria) encarregada de organizar o lazer do trabalhador. No leste europeu, continua a autora, depois de 1948 as democracias populares implantaram as viagens de férias do trabalhador organizadas pelos partidos e sindicatos. A França, segue a autora, no governo da Frente Popular (1936) é assegurado aos trabalhadores meios legais para o cumprimento da lei de férias remunerada, vantagens financeiras para viagens de trem e subvenções para associações e colônias de férias.

Parece-nos que a vertente inspiradora para o turismo e o lazer do trabalhador procede de diferentes concepções de organização do próprio Estado que, nessas condições, requer, de antemão, um não julgamento apriorístico sobre o alinhamento ou não das lideranças sindicais com o governo instalado no país naquele momento.

Eis, portanto, um dos primeiros problemas que a pesquisa terá que responder: as colônias de férias dos trabalhadores (ou outras formas de lazer e turismo) foi uma forma de alinhamento ou de sobrevivência para as entidades trabalhistas neste período?

Embora essa questão seja crucial para a compreensão do processo, este constitui o pano de fundo de nossa pesquisa. Neste sentido, a cena principal, de nossa investigação trata dos impactos causados pela instalação dessas estruturas - colônias de férias - no que tange ao desenvolvimento da atividade turística e de lazer dos trabalhadores e as

implicações nas localidades onde foram instaladas. Além das relações entre anfitrião e hóspede nos meios de hospedagem em estudo.

Para essa pesquisa nosso objeto de estudo é a Região Metropolitana da Baixada Santista por se tratar de uma área onde há um grande número de colônias de férias, conforme tabela que se segue na página 11 deste artigo, e para estudo de caso escolhemos o município de Praia Grande onde a presença dessas estruturas de hospedagem é significativa, que será desenvolvida em outra fase da pesquisa.

Além de responder a questão sobre o turismo e lazer do trabalhador esta pesquisa aponta a oportunidade de professores e alunos da Faculdade SENAC de Turismo e Hotelaria atuarem nesse nicho de mercado que em muitos casos não são administrados por profissionais da área. É importante salientar que um exemplo contrário do que acabamos de afirmar é a Colônia de Férias SESC Bertioga que nos servirá de modelo comparativo para o estudo de gestão. Uma outra vertente que a pesquisa poderá suscitar é a investigação de com estas estruturas podem ou não contribuir para fomentar a atividade turística em localidades onde a mesma encontra-se estagnada. Dessa forma, o estudo poderá contribuir para a recuperação desses espaços turísticos.

Por fim, a pesquisa poderá fornecer subsídios para o desenvolvimento de um modelo de gestão específico para estas estruturas de hotelaria.

É possível afirmar que o turismo - principalmente o de massa - ocorre após um processo de urbanização e a conquista do aumento do tempo livre dos trabalhadores. Esses dois fenômenos não guardam em si nenhuma relação de causalidade na sua gênese, porém, ambos colaboraram para o desenvolvimento da atividade de turismo e lazer. A combinação de fatores aparentemente de origens diferentes contribui num dado momento, para que outros fenômenos ocorram e acabam por acelerar ou retardar determinados processos. Quando nos referimos ao turismo e ao lazer dos trabalhadores parece que o axioma acima esclarece nossas questões.

Considerando a cidade de São Paulo como um modelo claro de metropolização, portanto, um centro de concentração de produção e consumo, compreende-se a demanda por serviços de entretenimentos que a sua população provocou. É pertinente admitir que o

esse tempo livre do paulistano seja consumido tanto em estruturas de lazer na própria cidade como além dos seus limites territoriais.

Lazzarotti (1995) coloca-nos a seguinte questão: “os lazers periurbanos [aqueles que são próximos às estas áreas urbanas] são uma necessidade mecânica de compensação do ambiente asfíxiante da vida urbana ou uma inspiração estimulante pela possibilidade que eles oferecem aos seus habitantes?” (idem, p. 15).

Parece-nos, novamente, que por meio da combinação de ambos, ou seja, do ambiente estressante dos grandes centros urbanos as atividades de turismo e lazer funcionam como uma válvula de descompressão e, ao mesmo tempo, este ambiente estimula os seus habitantes, através da oferta dos espaços turísticos e de lazer, a possibilidade de viajar ou descansar em outros lugares, centros turísticos, como espaços complementares às necessidades dos seus habitantes.

Nossa hipótese é que as organizações trabalhistas acabaram, por determinadas condições históricas, contribuindo para o surgimento de um novo segmento da atividade de turismo e lazer ao instalarem uma estrutura de turismo e lazer em diferentes localidades no litoral paulista.

Assim, nessas condições, a asfixia provocada aos habitantes da metrópole paulistana e também imposta às organizações trabalhistas contribuíram, de forma combinada, para o surgimento de estruturas de turismo e lazer que atenderam as demandas por entretenimentos de seus moradores e ao mesmo tempo a sobrevivência das entidades sindicais.

Como conseqüência o Estado de São Paulo tem hoje instalado um grande número de empreendimentos denominados colônias de férias, destinado ao turismo e lazer dos trabalhadores que necessita ser pesquisado, explicado e, fundamentalmente, desenvolver sua principal função dentro do turismo social com modelos de gestão próprios.

Objetivos de pesquisar as Colônias de Férias como estruturas de hospedagem que contribuíram para o desenvolvimento do turismo e do lazer do trabalhador e para o desenvolvimento de base local. Com os seguintes objetivos específicos: Levantar o número de Colônias de Férias ligadas às organizações trabalhistas na Região Metropolitana da Baixada Santista; relacionar as datas de instalação ou construção dessas estruturas de hotelaria; relacionar o período de construção dessas estruturas com o modelo político vigente; verificar a estrutura física instalada e a sua evolução; verificar o modelo de gestão; verificar os impactos causados nas localidades; relacionar o surgimento dessas estruturas com o conceito de turismo social; analisar as relações entre anfitrião e hóspede neste meio de hospedagem.

Esta pesquisa terá como objeto de estudo da estrutura de Colônias de Férias na Região Metropolitana da Baixada Santista e, como estudo de caso específico, o município de Praia Grande.

Inicialmente será feito um levantamento do número de colônias de férias da região considerando apenas como de nosso interesse aquelas que são ligadas às organizações de trabalhadores e com base (ou sede) no município de São Paulo, considerando-se pesquisas já realizadas, tanto na área historiográfica, como na do Turismo e da Hotelaria.

De posse dessas informações buscaremos, junto às entidades classistas, saber o ano da construção, a estrutura física inicial, os dirigentes responsáveis, a forma de financiamento, os incentivos recebidos, os critérios de definição do local de instalação através de documentos históricos e possíveis entrevistas com os dirigentes da época quando foram implantadas tais estruturas.

Esse conjunto de informações nos dará parte das respostas que formulamos em nossa hipótese e permitirá estabelecer a relação entre as datas que são criadas essas estruturas e o momento político vivido.

A outra fase do trabalho será realizada através de pesquisas e inventariados na região definida buscando conhecer as estruturas das unidades habitacionais, o modelo de gestão, o gerenciamento de alimentos e bebidas, formas de reservas e pagamentos e opinião dos usuários. Ao mesmo tempo estaremos investigando os impactos econômicos causados por essas estruturas nos municípios estudados.

A fase final do trabalho será a redação de um relatório contendo uma análise do surgimento do turismo e do lazer para o trabalhador da cidade de São Paulo, levantamento da estrutura de colônias de férias instaladas nos municípios, do modelo de gestão e dos impactos econômicos causados por este segmento do turismo.

Preende-se, ao final, verificar como conclusão se esta estrutura instalada ainda está cumprindo os seus propósitos ou se estagnada e, neste caso, quais as alternativas para a sua recuperação.

Desenvolvimento

As pesquisas sobre a história das colônias de férias no Brasil, na pequena bibliografia existente, não elucidam a origem deste fenômeno. Entre os autores que estudam sobre o assunto podemos destacar: Cristiane Querioz de Souza Assunção e Jorge Steinhilber.

Segundo Steinhilber a primeira colônia de férias no Brasil foi implementada na década de 30, no Forte São João, atual Escola de Educação Física do Exército, em Santos. Entretanto, o autor trata mais de aspectos metodológicos, e no pequeno “histórico” apresentado no texto não é esclarecida a maneira como esses dados foram obtidos. Porém se tomarmos essa década como referência e analisarmos o surgimento da recreação em nosso país, podemos supor que as colônias de férias nasceram como um espaço possível para a concretização de atividades na perspectiva recreacionista.

A pesquisadora Cristiane Queiroz de Souza Assunção escreve que na década de 30, a educação ganhou grande importância na sociedade brasileira, sendo proclamada como símbolo de modernização do País. Neste contexto, houve grande influência da “Escola Nova”, caracterizada pela mudança do centro de processo educativo, que se deslocou do professor para o aluno, e pela negação de um controle exterior demasiadamente rígido. Nesse sentido, a educação, para cumprir sua função e adaptar os indivíduos à sociedade, deveria mudar seus aspectos rígidos e assumir um caráter alegre e dinâmico. Além disso, deveria substituir a disciplina exterior pela educação da autodisciplina, conseguindo um controle menos visível sob as crianças. Assim, a recreação tornou-se o espaço ideal para as conquistas desses objetivos (Werneck, 2003), o autor afirma ainda que as bases desse

espaço educativo eram vinculadas a aspectos higienistas e à preservação social, ou seja, as crianças eram educadas no seu meio de origem, mantendo-se os diferentes extratos sociais em seus derivados lugares.

Miranda (1942) afirma que as insatisfatórias e precárias condições materiais, higiênicas, culturais, morais, da casa e do lar da criança desvalida (p.322). Segundo o autor foram criadas pelos poderes públicos e associações privadas dois tipos de instituição com o objetivo de sanar os problemas sociais: as primeiras, de caráter corretivo e altamente dispendiosas, como hospitais, sanatórios, creches, abrigos e reformatórios, outras de natureza preventiva e não muitos dispendiosos, como escolas ao ar livre, centros de saúde, colônias de férias e parques infantis.

Outra referência à existência de colônias de férias no Brasil está no Manual de Recreação (orientação de Lazer do trabalhador). Os autores citam que as poucas colônias em atividade, organizadas pelos Estados, eram voltadas exclusivamente para crianças e atentam para a necessidade de estendê-las aos trabalhadores (SUSSEKING, MARINHO, GOES, 1952).

Assunção afirma:

“Essas estruturas tiveram como objetivo estimular a adequada utilização do tempo livre dos operários em uma época em que havia uma grande preocupação com a “ocupação sadia” desse tempo, visando conservar a força produtiva do trabalhador e fazê-lo conforma-se ao sistema vigente. As férias, nesse contexto, foram instituídas para preservar a saúde do trabalhador, proporcionando-lhe o descanso do organismo. Nesse âmbito, podemos supor que as colônias de férias surgiram como uma possibilidade educativa, dentre outras existentes, visando dar continuidade ao trabalho da escola por meio da recreação. Assumiram a função de manutenção da ordem social, primeiramente, mediante trabalho com as crianças, e, em seguida, estendendo-as aos operários.”

O conceito contemporâneo de colônia de férias inclui duas modalidades deste meio de hospedagem. O primeiro relacionado ao objeto de estudo desta pesquisa, ou seja, relacionado com lazer dos trabalhadores. Já o segundo conceito é aplicado nos empreendimentos que recebem crianças e adolescentes para períodos de hospedagem, com o objetivo de recreação. A pesquisadora Cristiane Assunção traz as seguintes definições:

“Espaço organizado para a vivência do lazer das pessoas em seus períodos de férias. Existem, atualmente, dois tipos de colônias de férias. O primeiro consiste em espaços, geralmente pertencentes a empresas, sindicatos ou associações, colocados à disposição dos funcionários ou associados para a estada em viagens e outras experiências de lazer. Estes espaços geralmente funcionam durante o ano todo, pois seus freqüentadores usufruem suas férias em épocas variadas, que costumam se procurados por pessoas de diversas faixas etárias”.

Nesta pesquisa estamos apresentando como objeto de estudo, uma região do Estado de São Paulo, a baixada santista, composta de 9 cidades (Bertioga, Cubatão, Itanhaém, Mongaguá, Peruíbe, Praia Grande, Santos e São Vicente), que abriga uma grande quantidade de colônias de férias, conforme quadro abaixo.

Quadro I: Colônia de Férias da Baixada Santista

Cidade	Colônia de Férias
Bertioga	<ol style="list-style-type: none"> 1. SESC Bertioga 2. Colônia de Férias SABESP
Guarujá	<ol style="list-style-type: none"> 1. Assoc. dos Funcionários Da MESBLA 2. Assoc. dos Funcionários Aposentados do Banespa 3. Colônia de Férias Bandeirante 4. Assoc. dos Funcionários Públicos do Estado de São Paulo 5. Associação dos Radialistas do Estado de São Paulo 6. Assoc. Paulista dos Magistrados
Itanhaém	<ol style="list-style-type: none"> 1. Colônia de Férias da Assoc. dos Funcionários do Banco do Brasil 2. Assoc. dos Cabos e soldados e cabos da Polícia Militar 3. Assoc. dos Funcionários Das empresas Bristol do Brasil 4. Assoc. dos Servidores Federais de São Paulo 5. Centro do Professor Paulista 6. Colônia de Férias da assoc. classista do Grupo Schaeferler 7. Colônia de Férias Chico Amaro 8. Colônia de Férias do CMTC Clube 9. Colônias de Férias da Arquidiocese de São Paulo 10. Colônia de Férias da Caixa Econômica Federal 11. Colônia de Férias dos Marceneiros de São Paulo 12. Colônia de Férias dos Oficiais da Reserva da PM 13. Colônia de Férias dos Funcionários Da Construção Civil 14. Colônia de Férias Gastão Vidigal 15. Colônia de Férias Itaú Clube

Mongaguá	<ol style="list-style-type: none"> 1. Colônia de Férias da Associação dos Sub-Tenentes e Sargentos da Polícia Militar 2. Colônia de Férias de Mongaguá 3. Colônia Feticom
Peruíbe	<ol style="list-style-type: none"> 1. Assoc. dos Funcionários Do Jockey Club de Santos 2. Colônia de Férias dos Securitários de São Paulo 3. Colônia de Férias dos Delegados de Polícia do Estado de São Paulo 4. Colônia de Férias Recantos da Saúde do Sindicato da Saúde de Campinas e Região
Praia Grande	<ol style="list-style-type: none"> 1. Colônia de Férias da Apeoesp 2. Colônia de Férias dos Empregados do Comércio do estado de São Paulo 3. Colônia de Férias dos Funcionários Da Assoc. Comercial do Estado de São Paulo 4. Colônia de Férias da Saúde 5. Colônia de Férias da Difusão Cultural e artística 6. Colônia de Férias da União dos Servidores Públicos do Estado de São Paulo 7. Colônia de Férias do Clube dos Sub-tenentes e sargentos do II exército 8. Colônia de Férias do Sindicato dos Trabalhadores de minério e derivados de petróleo do Estado de São Paulo 9. Colônia de Férias dos Gráficos 10. Colônia de Férias dos Metalúrgicos de Santo André 11. Colônia de Férias dos Professores do Estado de São Paulo 12. Colônia de Férias dos Taxistas 13. Colônia de Férias dos Trabalhadores em Alimentação 14. Colônia de Férias dos Trabalhadores nas Indústrias dos Artefatos de borracha, pneumáticos e afins 15. Colônia de Férias dos Eletricitários de Campinas 16. Colônia de Férias da Federação dos Metalúrgicos do Estado de São Paulo 17. Colônia de Férias dos Trabalhadores da Indústria do Vidro, Cerâmica e Ótica. 18. Colônia de Férias da Federação dos Empregados em Turismo e Hospitalidade de São Paulo 19. Colônia de Férias da Federação dos Têxteis 20. Colônia de Férias da Federação dos Trabalhadores em Transportes Rodoviários do Estado de São Paulo 21. Colônia de Férias da Federação dos Empregados do Comércio Hoteleiro do Estado de São Paulo 22. Colônia de Férias da Federação dos Trabalhadores na Indústria de Papel, papelão e cortiça do Estado de São Paulo. 23. Colônia de Férias dos Ferroviários Hary Normantos 24. Colônia de Férias da Indústria Farmacêutica 25. Colônia de Férias do Sindicato das Costureiras e trabalhadores nas ind.dos munic. Osasco e São Paulo 26. Colônia de Férias do Sindicato dos empregados na indústria de joalheria e relojoaria de São Paulo 27. Colônia de Férias do Sindicato dos Mestres e Contra-mestres da Fiação e Tecelagem 28. Colônia de Férias do Sindicato dos trabalhadores na Indústria e Tecelagem Santo André e Mauá 29. Colônia de Férias do Sindicato dos Coureiros, Sapateiros e Vestimentarista

30. Colônia de Férias do Sindicato dos Aeroviários no Estado de São Paulo

31. Colônia de Férias dos Trabalhadores na Indústria de Construção e do mobiliário de Santo André, Mauá, Ribeirão Pires e Rio Grande da Serra

Pretende-se ainda fazer um diagnóstico das questões de gestão envolvendo estes meios de hospedagem. Entre os espaços pesquisados, um recebe especial destaque. A Colônia de Férias do SESC, em Bertiooga. Enquanto a maioria das colônias de férias da região sofreu um processo de degradação do patrimônio físico e do entorno. O SESC Bertiooga figura como um exemplo de gestão e hospitalidade.

A Unidade de Bertiooga do SESC está localizada na Avenida Thomé de Souza, 3660, Jardim Rio da Prata, na praia de Bertiooga, no litoral de São Paulo. As principais vias de acesso são as rodovias dos Imigrantes e Anchieta e Rodovia Mogi-Bertiooga.

O complexo tem capacidade de hospedar até 1.000 pessoas, em casas e apartamentos para até 6 pessoas. O restaurante pode atender até 800 hóspedes no café da manhã, almoço e jantar. Nas áreas de lazer, o local conta com um parque aquático, quadras poli esportivas, mini-fazendas, teatro, salas de ginástica. Além dos serviços localizados na praia. O SESC instituição que administra o complexo e internacionalmente reconhecida pelo trabalho desenvolvido na área de inclusão social através de ações de lazer, recreação e cultura.

Além da estrutura física o que chama atenção para a pesquisa são as ações de responsabilidade social com o público interno, com os usuários e as relacionadas com a preservação do meio ambiente e com a valorização humana. Um exemplo são as estações de tratamento de água e esgoto e as ações de conservação do entorno. Outro motivo que deve ser ressaltado é o da empregabilidade gerada para a comunidade local. São 280 colaboradores fixos, 90% do município de Bertiooga e 100% dos 180 colaboradores terceirizados também.

A qualidade de vida destes colaboradores teve um significado avanço. Muitos dos moradores da região são migrantes dos estados do norte e nordeste, que vieram para região nas décadas de sessenta e setenta. Foi um trabalho do SESC ampliar as questões

relacionadas com formação escolar e profissional, da melhoria das condições de moradia destes trabalhadores e conseqüentemente do município.

As questões da hospitalidade, como acolhimento do outro e as relações entre anfitrião e hóspede precisam ser redimensionadas e valorizadas.

“A Hospitalidade é um processo de comunicação (interpessoal), carregado de conteúdos não-verbais ou de conteúdos verbais que constituem fórmulas rituais que variam de grupo social para grupo social, mas que ao final são lidas apenas como desejo/recusa de vínculo humano” (CAMARGO, 2004).

O Sesc Bertioga tem características relacionadas com a hospitalidade comercial, pública e doméstica. A pesquisa encontra-se em andamento, nesta fase podemos afirmar que as colônias de férias do litoral paulista são meios de hospedagem importantes e merecem ser estudadas. Um exemplo de gestão e hospitalidade é a colônia de férias do SESC de Bertioga, assim como outras unidades do SESC em todo o Brasil. Elas dialogam com o texto desenvolvido pelo professor Milton Santos.

“Lazer é também política. Mas, por enquanto é, sobretudo, política das empresas. Há, já, sem dúvida, o atrevimento de algumas instituições que interferem com os meios a seu alcance no sentido de estimular a produção de um lazer que se aproxima da sensibilidade popular, isto é, da cultura, e, não propriamente do mercado. Isso vem sendo feito com sucesso e com a aprovação dos principais interessados. Tais iniciativas podem e devem ser multiplicadas e estimuladas a um projeto mais amplo, um projeto político coerente e inovador. Trata-se, no fundo, de uma questão de civilização. O problema não é, apenas, proteger recursos e lugares, mas valorizar a essência do homem. Além de cuidar da biodiversidade, trata-se de salvaguardar e potencializar a sociodiversidade, que acompanha e qualifica a diversidade dos lugares, dos quais constitui, ao mesmo tempo, atributo e riqueza. Trata-se, a partir, da construção de um mundo novo, com a busca da plenitude, onde a vida seja vivida como troca e onde o qualidade seja dominante, permitindo que se instale no planeta o homem integral. O lazer pode ser um lado dessa grande transformação, desde que não seja considerado como fenômeno isolado. A partir da atual condição de autonomia, é nosso dever pensar numa outra fórmula, mais generosa, que o inclua na humanidade” (SANTOS: 2000).

Conclusão

Na Região Metropolitana da Baixada Santista (RMBS), primeira a ser constituída no âmbito das Constituições Federal e do Estado de São Paulo de 1988 e 1989, respectivamente, vivem hoje cerca de 1,5 milhão de habitantes composta pelos municípios de Bertioga, Cubatão, Guarujá, Itanhaém, Mongaguá, Peruíbe, Praia Grande, Santos e São Vicente. E por ela passam de 45% do Produto Interno Bruto do País, através de seu pólos portuário, industrial e político, tendo como pano de fundo uma pujança ambiental composta por grandes reservas de Mata Atlântica, mangues e restingas, perfeitamente preservados, com Atividades econômicas: 58,5% de estabelecimento na área de serviços; 31,4% no comércio e 8,7% na indústria. O turismo tem uma importância estratégica neste desenvolvimento, seja pelos condomínios de segunda residência, o parque hoteleiro da região ou pela intensa movimentação de visitantes para as colônias de férias.

Este meio de hospedagem precisa e deve ser analisado dentro do seu contexto histórico, político e social, intrinsecamente relacionado com o movimento dos trabalhadores brasileiros, muitos destes empreendimentos passaram ou mesmo ainda, passam por processo de decadência das estruturas físicas, por problemas com o entorno, ou pelo desgaste das relações entre a gestão do local, presa a paradigmas antigos, ou por desconsiderar as questões relacionadas com a hospitalidade.

Na pesquisa foi constatado que o SESC Bertioga é uma colônia de férias na região que apresenta um exemplo de conservação do meio ambiente, integração com a comunidade, acolhimento dos colaboradores e respeito com os hóspedes.

As questões da hospitalidade doméstica, comercial e pública podem ser encontradas inter-relacionadas no SESC Bertioga.

As colônias de férias dos outros municípios, da baixada santista precisam ser melhor analisadas e serão no decorrer do projeto de pesquisa, principalmente a cidade de Praia Grande, com um número de mais de 30 colônias férias, conforme apresentada no quadro I deste artigo.

As colônias de férias são meios de hospedagem que podem contribuir para o turismo com base do desenvolvimento local. E podem ser redescobertas como espaço de socialização, expansão do conhecimento, e propiciar momentos de entretenimento e lazer

para as classes trabalhadoras, desde que passem por intensa reformulação nos projetos de gestão.

Sua estruturara pode inclusive causar menos impacto no meio ambiente e proporcionar emprego e renda durante todo o ano, já que os períodos de férias dos seus usuários possibilitam uma ocupação planejada e bem distribuída. E são também um patrimônio material da historia do movimento operário brasileiro e conquistas físicas das organizações sindicais.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

CAMARGO, Luiz Otávio de Lima. *O que é o lazer?* São Paulo: Brasiliense, 1992.

DUMAZEDIER, Joffre. *A revolução cultural do tempo livre*. São Paulo: Studio. Nobel: SESC, 1994.

LAZZAROTTI, Olivier. *Lês loisirs à conquête dès spaces périurbains*. Paris: L'Harmattan, 1995.
RODRIGUES, Adyr Aparecida Balastrieri. *Águas de São Pedro – estância paulista, uma contribuição à geografia da recreação*. Tese de doutoramento apresentada ao Departamento de Geografia da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo.

RODRIGUES, Leôncio Martins. *As tendências políticas na formação das centrais sindicais*. In BOITO JR., Armando (org.) *O sindicalismo brasileiro nos anos 80*. Rio de Janeiro: Paz e Terra 1991.

GOMES, Christiane Luce. *Dicionário crítico do Lazer*. Belo Horizonte: Authêntica. 2004

<http://www.unisantos.br/~metropms/> acesso em 12/10/2005